

A elaboração do passado pela escrita: *meio sol amarelo, de chimamanda adichie*

Past's elaboration by writing: half of a yellow sun, by chimamanda adichie

Priscila Finger do Prado ¹

Letícia Freire de Moraes ²

RESUMO

Linda Hutcheon (1991) elaborou o conceito de *metaficção historiográfica*, o qual apresenta uma problematização da história por meio da reapresentação do passado pelas verdades plurais que negam uma verdade única e incontestável. No romance *Half of a Yellow Sun* (2006), da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, é possível perceber, na forma como está estruturado, várias perspectivas para um mesmo acontecimento histórico, a partir das mudanças de foco narrativo. Tal construção fornece ao leitor uma reflexão sobre o perigo da criação de estereótipos pela crença em uma única história sobre determinado lugar, pessoa ou circunstância. Diante da reflexão tecida sobre a relação entre a ideia crítica e a organização do romance por várias vozes, pretende-se analisar a voz de um personagem desse romance em particular que desenvolve, no decorrer da narrativa, uma necessidade de se apropriar da história e de construí-la pela sua perspectiva, usando, para isso, a escrita. Pretende-se elaborar essa análise pela perspectiva dos estudos de Gagnebin (2006) sobre a tarefa histórica de conservação da memória pela necessidade da escrita como forma de elaboração do passado.

PALAVRAS-CHAVE: O Perigo de uma História Única. Elaborar o Passado. Memória e Escrita.

ABSTRACT

The concept of “historiographic metafiction” was elaborated by Linda Huntcheon, in the book *Poética do Pós-Modernismo. História, teoria e ficção* (1991). It presents a problematization of history through the past's representation by plural truths that deny a single and undisputed truth. In the novel *Half of a Yellow Sun* (2006), by Nigerian writer Chimamanda Ngozi Adichie, It is possible to perceive, in the way It is structured, several perspectives for the same historical event, with the changes of narrative focus. This kind of construction provides the reader with a reflection on the danger of stereotyping by believing in a single story about a particular place, person, or circumstance. This study aims to analyze the voice of a character in this particular novel that develops, throughout the narrative, a need to appropriate the story and build it from your perspective, using writing for that. The analysis of memory is made with the support of Gagnebin's studies

¹ Doutora em Letras pela Universidade Federal do Paraná e professora do Departamento de Letras da Universidade Estadual do Centro-oeste, Paraná, Brasil. E-mail: priscilletras@yahoo.com.br

² Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Centro-oeste, Paraná, Brasil. E-mail: leticiafreiredemoraes@gmail.com

(2006) about the historical task of memory conservation by the necessity of writing as a way of elaborating the past.

KEYWORDS: *Half of a Yellow Sun*. Past's Elaboration. Memory and Writing.

* * *

Introdução

“[...] We teach girls to shrink themselves, to make themselves smaller. We say to girls: ‘You can have ambition, but not too much. You should aim to be successful, but not too successful, otherwise you would threaten the man.’ Because I am female, I am expected to aspire to marriage. I am expected to make my life choices always keeping in mind that marriage is the most important. Now, marriage can be a source of joy and love and mutual support, but why do we teach girls to aspire to marriage and we don't teach boys the same? [...]”³ (**Flawless, by Beyoncé ft. Chimamanda Ngozi Adichie)

O excerto escolhido como epígrafe para esse trabalho faz parte do famoso discurso intitulado *We Should All Be Feminists*⁴ proferido pela escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie em 2012, no qual a autora busca questionar o papel da mulher na sociedade, tentando demonstrar através das próprias experiências os efeitos da desigualdade de direitos entre os gêneros e, a partir disso, reforçar a necessidade do engajamento de homens e mulheres na discussão sobre o Feminismo nos dias de hoje.

Apesar da notória popularidade decorrente desse discurso, a autora nigeriana já detinha certo prestígio pela fala que proferiu anteriormente, em outro evento promovido pela organização TED em 2009, chamado *The Danger*

³ [...] Nós ensinamos as meninas a diminuam-se, a tornarem-se menores. Nós dizemos a elas: "Vocês podem ter ambição, mas não muito. Vocês deveriam desejar ser bem sucedidas, mas não tão sucedidas, caso contrário vocês ameaçariam o homem." Porque eu sou mulher, espera-se que eu aspire ao casamento. Espera-se que eu faça as minhas escolhas na vida sempre mantendo em mente que o casamento é a mais importante delas. Bem, o casamento pode ser uma fonte de alegria e amor e apoio mútuo, mas por que nós ensinamos as meninas a aspirarem ao casamento e nós não ensinamos os meninos o mesmo? [...]

⁴ “We Should All Be Feminists”, TEDxEuston: African Ideas Worth Spreading, 2012. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=hg3umXU_qWc

*of a Single Story*⁵. Nesse discurso, disponível no site da organização com legendas para mais de 40 idiomas, a escritora atenta para o perigo da criação de estereótipos e a distorção de identidades advindas do contato com uma única informação sobre aspectos culturais de determinado lugar.

Da mesma forma que suas falas trazem para discussão assuntos relacionados a diversas questões sociais, também sua obra literária levanta questionamentos absolutamente relevantes que permitem que a autora obtenha grande reconhecimento internacional. Chinua Achebe, aclamado escritor e crítico literário nigeriano, que influenciou sobremaneira o trabalho de Adichie, após ler seu segundo romance, escreveu: “[n]ós normalmente não associamos sabedoria com iniciantes, mas aqui está uma escritora que nasceu com o dom dos antigos contadores de história. [...] Adichie veio quase totalmente pronta”.⁶ Essa crescente popularidade somada ao notável interesse pelos temas que aborda em sua produção crítica e literária, são duas fortes razões para a escolha de um dos seus romances como objeto de análise para este trabalho.

Chimamanda Ngozi Adichie possui, ao todo, cinco livros publicados, sendo três deles romances, um deles em formato de ensaio e outro uma coletânea de contos. Os títulos dos romances são: *Purple Hibiscus* (2003), *Half of a Yellow Sun* (2006) e *Americanah* (2013). O ensaio adaptado do discurso possui o mesmo nome na publicação: *We should All Be Feminists* (2014). E a coletânea de contos está intitulada como *The Thing Around Your Neck* (2009). No Brasil, a autora tem seus três romances e o ensaio traduzidos para o português com os respectivos nomes listados por ordem de publicação: “Hibisco Roxo”, “Meio Sol Amarelo”, “Americanah” e o ensaio “Sejamos Todos Feministas” – todos publicados pela Companhia das Letras.

⁵ “The Danger of a Single Story”, TED: Ideas Worth Spreading, 2009. Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story

⁶ We do not usually associate wisdom with beginners, but here is a new writer endowed with the gift of ancient storytellers. [...] Adichie came almost fully made. [tradução nossa]

Toda a popularidade e o prestígio que a autora tem conquistado até agora vêm, em grande parte, dos temas que aborda em suas obras e da postura que adota em seus discursos. Segundo a crítica literária, Adichie faz parte da terceira geração de escritores africanos que se caracteriza por seu forte engajamento histórico e por utilizar temáticas que evocam traumas do passado a fim de questionar e problematizar a situação da nação na contemporaneidade.

Em um artigo⁷ publicado em maio de 2014, na revista *The New Yorker*, com o título “Hiding From Our Past”, Adichie menciona ter crescido sob a sombra da Guerra de Biafra, temática sobre a qual o romance *Half of a Yellow Sun* (2006) se baseia. Segundo a autora, muito pouco se aprendia na escola sobre esse assunto, e ele era estranhamente evitado pelas pessoas. Foi partindo dessa curiosidade pelo passado, descrito por ela como um passado “envolto em mistério”, que ela decide mergulhar na história da Guerra de Biafra, dedicando vários anos a uma longa pesquisa que fornecesse suporte histórico para produzir o romance. Ela escreve no segundo parágrafo do artigo:

Eu fiquei obcecada pela história. Passei anos pesquisando e escrevendo "Half of a Yellow Sun", um romance sobre as relações humanas durante a guerra, centrado em uma jovem e afluente mulher e seu amante professor. Foi um projeto profundamente pessoal, baseado em entrevistas com membros da família que foram generosos o suficiente para minar suas dores, apesar de saber que isso seria, para muitos nigerianos da minha geração, tanto história como literatura.⁸

A problematização dessa separação entre o histórico e o literário, nos dias de hoje, caracteriza uma concepção específica dos estudos pós-modernos.

⁷ Artigo completo disponível em: <http://www.newyorker.com/>

⁸ I became haunted by history. I spent years researching and writing “Half of a Yellow Sun”, a novel about human relationships during the war, centered on a young, privileged woman and her professor lover. It was a deeply personal project based on interviews with family members who were generous enough to mine their pain, yet I knew that it would, for many Nigerians of my generation, be as much history as literature. [tradução nossa]

Hutcheon (1991), por exemplo, ao apresentar o conceito da *metaficção historiográfica*, anuncia um aspecto do estudo literário muito particular que é caracterizado pelo movimento de voltar-se para o passado a fim de recontar a história, ficcionalmente, por outras perspectivas.

Dickson C. e Preye (2014, p.82), discorrendo sobre o assunto da guerra no meio literário, comentam que “[a] guerra como tema em literatura se torna importante para o escritor porque dá a ele uma oportunidade de criar e recriar a história, lembrando o passado para moldar o presente, prever e possivelmente influenciar o futuro”⁹. Além disso, essa “oportunidade de criar e recriar a história” se torna importante para que a memória desse tipo de evento traumático não se perca, já que evitar retomá-lo pode servir para sacralizá-lo. Gagnebin (2006), ao discorrer sobre o processo de elaboração do passado, afirma que a luta pelo não esquecimento contribui sobremaneira no sentido de fornecer instrumentos de análise para melhor esclarecer o pensamento do presente e do futuro.

Tendo em vista o caráter histórico do romance e a importância dessa possibilidade de recriar a história pela elaboração do passado, propõe-se com este trabalho traçar relações entre a obra ficcional de Chimamanda Ngozi Adichie, especificamente o romance *Half of a Yellow Sun*, e seu pensamento crítico difundido no discurso sobre o perigo de uma história única, pelo viés dos preceitos de Hutcheon (1991) sobre a *metaficção historiográfica*. Também pretende-se analisar a constituição de um dos personagens protagonistas do romance pela perspectiva dos estudos de Gagnebin (2006), como forma de problematizar a questão da preservação da memória a partir da necessidade da escrita.

Por trás do sol que não terminou de nascer

⁹ War as theme in literature becomes important for the writer because it affords the writer an opportunity to create and recreate history by recalling the past to shape the present, predict and possibly influence the future. [tradução nossa]

O romance *Half of a Yellow Sun* (2006) tem como pano de fundo a violenta Guerra Civil da Nigéria no final dos anos sessenta, também conhecida como Guerra de Biafra e está dividido em quatro partes, as quais apresentam de forma alternada dois momentos cruciais dos anos 1960: o início e o fim. Essa alternância na ordem cronológica, além de criar grande expectativa, produz uma oscilação narrativa que força o leitor a retomar fatos passados para compreender algumas circunstâncias do futuro.

A narrativa começa no início dos anos 60, na cidade de Nssuka, na Nigéria, apresentando e acompanhando a vida dos cinco personagens principais e as inter-relações que estabelecem. É nesse momento que eles se aproximam um do outro e fortalecem suas relações, formando um conjunto de indivíduos que será progressivamente afetado pela ação modificadora e devastadora da guerra.

O enredo se organiza a partir de um narrador heterodiegético, que por vezes se deixa afetar pela visão das personagens, principalmente pelos três protagonistas: Ugwu, Olanna e Richard. Ugwu é um garoto simples, que sai de seu povoado rural para trabalhar na cidade, na casa de Odenigbo, professor universitário e namorado de Olanna. Olanna, filha de uma família muito rica e influente na Nigéria, tem uma irmã gêmea chamada Kainene, cuja personalidade indefectível fica muito marcada no romance. Kainene namora com Richard, um tépido jornalista inglês que vai para a Nigéria, motivado pela sua paixão pelo continente africano, com o objetivo de escrever um livro.

Outra particularidade sobre a obra *Half of a Yellow Sun*, talvez uma das mais significativas para a análise sobre a questão da preservação da memória a partir da necessidade da escrita, é a existência de um esboço do que seria um livro dentro do próprio livro. No decorrer do romance o leitor se depara com transcrições de trechos de um suposto livro escrito por um dos personagens, inseridas em fragmentos ao final de determinados capítulos. Todas as partes estão enumeradas, contabilizando oito trechos, e possuem o título: “O livro: O mundo Estava Calado Quando Nós Morremos”, gerando

certo suspense no leitor que, invariavelmente, é surpreendido pelos trechos ao longo da leitura.

Mais uma peculiaridade do romance é a mudança do foco narrativo. Há uma alternância de perspectiva entre os três protagonistas Ugwu, Olanna e Richard, segmentando o livro em capítulos. Cada capítulo é narrado sob o ponto de vista de um desses três personagens, tendo o leitor uma visão plural da história. Ao todo se somam trinta e sete capítulos, distribuídos entre as quatro partes principais: 6 capítulos na primeira parte, 12 capítulos na segunda parte, 6 capítulos na terceira parte e 13 capítulos na quarta e última parte.

Observa-se nessa construção narrativa particular o ponto de encontro entre a obra crítica e a obra ficcional da autora, pois imbrica estrategicamente no romance a ideia da elaboração da história por várias vozes, negando a ideia de uma única história como a história determinante. Esse conceito foi apresentado pela autora na sua fala já, então, mencionada *The Danger of a Single Story*, onde ela reforça a importância do reconhecimento de que nunca há apenas uma única história sobre um povo, sobre um lugar ou uma pessoa. Histórias sobre uma única perspectiva, ela enfatiza, devem ser sempre rejeitadas para que se possa reconhecer o outro, nesse caso o povo nigeriano em face da guerra, como um todo formado por várias histórias sobrepostas que constroem sua identidade.

O perigo de uma história única e o passatempo do tempo passado

Romances pós-modernos como *O Papagaio de Flaubert*, *Famous Last Words* e *A Maggot* afirmam abertamente que só existem *verdades* no plural, e jamais uma só Verdade;

(HUTCHEON, 1991, p.146)

A pesquisadora norte-americana Linda Hutcheon (1991), em seu estudo sobre a problematização da história pelo fenômeno cultural do pós-

modernismo, surge com o conceito de *metaficção historiográfica* para caracterizar tal fenômeno na ficção. Segundo ela, esse conceito define uma nova modalidade narrativa do romance histórico, a qual apresenta uma releitura crítica pela problematização das “verdades” históricas incontestáveis. Essa proposta de releitura, embasada no levantamento de questões sobre os fatos concebidos como “verdadeiros”, abre espaço para “um envolvimento entre o leitor e a História que está sendo (re)escrita, podendo conscientizá-lo acerca das realidades, das *várias* verdades da política e da História” (BOTELHO, 2011, p.7; grifo nosso).

Segundo Hutcheon (1991), “[a] ficção pós-moderna sugere que reescrever ou rerepresentar o passado na ficção e na história é – em ambos os casos – revelá-lo ao presente, impedi-lo de ser conclusivo e teleológico” (p.147). Nesse sentido, não se pode pensar a narrativa histórica na ficção como uma inverdade ou imitação da realidade, pois esta apresenta uma reconstrução histórica que pode dar novos aspectos à visão pré-concebida sobre determinado fato histórico.

Partindo dessa ideia de rerepresentação do passado pelas verdades plurais que negam uma verdade única incontestável, pode-se delinear um paralelo entre a forma como está estruturado o romance *Half of a Yellow Sun* de Chimamanda Ngozi Adichie, o qual apresenta uma mudança de foco narrativo que fornece ao leitor várias perspectivas para um mesmo acontecimento histórico, e o seu diálogo sobre o perigo da criação de estereótipos pela crença em uma única história sobre determinado lugar, pessoa ou circunstância.

Em seu discurso *The Danger of a Single Story* (2009), Adichie utiliza vários exemplos pessoais para demonstrar o quanto acreditar em uma história única pode ser danoso para a construção da própria identidade e para o reconhecimento do outro como ser semelhante. O primeiro exemplo de história única que ela relata é sobre sua experiência de leitura na infância. Apesar de reconhecer os inúmeros benefícios da leitura de livros estrangeiros, os quais instigaram sua imaginação e criatividade, ela afirma que foi só com

a descoberta de obras de escritores africanos que pôde modificar seu conceito sobre os livros, impedindo que tivesse uma história única sobre o que eles eram e/ou representavam em sua essência.

A autora também menciona o estranho comportamento de sua colega de quarto norte-americana que, ao saber que ela era africana, supôs que ela não soubesse falar inglês, ou que então não soubesse usar o fogão, se colocando numa posição superior de “piedade bem intencionada”¹⁰. No entanto, após passar anos morando nos Estados Unidos, a autora começa a entender a reação da colega perante a ela. Adichie admite que também ela teria visto a África como “um lugar de lindas paisagens, lindos animais e pessoas incompreensíveis, lutando guerras sem sentido, morrendo de pobreza e AIDS, incapazes de falar por si próprios, e esperando ser salvos por um estrangeiro gentil e branco”¹¹, se tudo o que tivesse visto e aprendido sobre a África fosse apenas pelas populares imagens apresentadas regularmente pela mídia.

A partir desse relato sobre a maneira simplista como a África é apresentada ao mundo, a autora discorre sobre a lamentável tradição do ocidente de contar histórias sobre a África de forma negativa, sem abranger sua diversidade econômica e cultural. Nesse ponto do discurso, pode-se identificar uma forte característica da autora em questionar a história tradicional a fim de problematizar e reconstruir novos sentidos para a visão pré-concebida e perpetuada sobre seu continente. Hutcheon (1991), discorrendo sobre a confusão que se faz na validação da história e da ficção pelo pós-modernismo, descreve que

As duas formas de narrativa são sistemas de significação em nossa cultura; as duas são aquilo que, certa vez, Doctorow considerou como formas de "mediar o mundo com o objetivo de introduzir o sentido" (1983, 24). E o que a metaficção historiográfica, como *The Public Burning*, de Coover, revela é a

¹⁰ Well-meaning pity.

¹¹ A place of beautiful landscapes, beautiful animals, and incomprehensible people, fighting senseless wars, dying of poverty and AIDS, unable to speak for themselves and waiting to be saved by a kind, white foreigner.

natureza construída e imposta desse sentido (e a aparente necessidade que temos de produzir o sentido). (HUTCHEON, 1991, p.149)

Dessa maneira, o sentido que se propõe construir é o de um povo diversificado que possui inúmeras outras histórias positivas que também devem ser contadas para que sua total compreensão seja satisfatória. Tanto a construção narrativa como a criação de vários personagens que se diferenciam em gênero, classe e idade pela autora, em seu romance *Half of a Yellow Sun*, contribuem para essa diversificação de histórias.

Seguindo seu diálogo, a autora prossegue contando sobre a experiência frustrante e ao mesmo tempo iluminadora que teve ao visitar o México. Por viver nos Estados Unidos e presenciar toda a cobertura midiática negativa a respeito dos imigrantes, ela passou a enxergar o mexicano da mesma forma como a mídia o retratava, como o “imigrante abjeto”. Ela conta que, ao chegar em Guadalajara e se deparar com pessoas trabalhando, fumando e rindo, vivendo uma vida comum como a dela, ela teve um enorme sentimento de vergonha de si mesma, pois percebeu que tinha comprado a história única e generalizada vinculada pela mídia a respeito do povo mexicano.

Com esse relato, Adichie demonstra como se dá a criação de uma história única e como essa criação está relacionada com as estruturas de poder em nossa sociedade. Histórias são definidas pelo princípio da superioridade, diz a autora: “como elas são contadas, quem as conta, quando são contadas, quantas histórias são contadas”¹², são questões dependentes de quem tem o poder de contá-las: “Poder é a habilidade de não apenas contar a história de outra pessoa, mas de fazer dela a história definitiva”¹³.

Jacomel (2008), ao explorar o conceito e as características da metaficção historiográfica quanto ao questionamento das verdades históricas na literatura, afirma que

¹² How they are told, who tells them, when they're told, how many stories are told.

¹³ Power is the ability not just to tell the story of another person, but to make it the definitive story of that person.

[a] literatura, de modo geral, nessa esteira que tem como compromisso questionar os totalitarismos e as relações de poder no âmbito da história, possui, sem dúvidas, um esquema de referências ao passado. O resgate de um acontecimento feito através da obra de arte sempre gera polêmica, pois, nessa “visita” ao passado, podemos descobrir fatos até então não revelados, devido às questões de interesse de grupos conservadores que se sucedem no alto da pirâmide da crítica literária. (JACOMEL, 2008, p.421)

Assim, numa tentativa de reconstruir a história a partir de uma perspectiva plural, evitando uma visão definitiva e totalitária sobre um acontecimento histórico que é, por muitos, desconhecido ou negado, Adichie adota em seu romance uma estrutura narrativa que se desvia do risco de uma história única, dando ao leitor diferentes pontos de vista sobre a história da Guerra de Biafra através da experiência de três diferentes personagens. Nesse sentido, a autora, além de associar sua ideia crítica à sua produção literária, também corrobora com o que diz Hutcheon (1991) a respeito da problematização da história pela ficção, apresentando múltiplas visões que evitam uma neutralidade e generalidade a respeito do fato histórico da Guerra Civil da Nigéria.

Reforçando a ideia sobre o perigo das histórias únicas, Adichie continua seu discurso afirmando que: “A história única cria estereótipos. E o problema com estereótipos não é que eles não são verdadeiros, mas que são incompletos. Eles fazem uma história tornar-se a única história”¹⁴. E prossegue:

I've always felt that it is impossible to engage properly with a place or a person without engaging with all of the stories of that place and that person. The consequence of the single story is this: It robs people of dignity. It makes our recognition of our equal humanity difficult. It emphasizes how we

¹⁴ The single story creates stereotypes, and the problem with stereotypes is not that they are untrue, but that they are incomplete. They make one story become the only story.

are different rather than how we are similar. So what if before my Mexican trip, I had followed the immigration debate from both sides, the U.S. and the Mexican? What if my mother had told us that Fide's family was poor and hardworking? What if we had an African television network that broadcast diverse African stories all over the world? What the Nigerian writer Chinua Achebe calls "a balance of stories."¹⁵

Dessa forma, a escritora nigeriana incentiva o ouvinte a tomar uma posição de investigador e descobridor do outro. Ao admitir e reconhecer que não há apenas uma única história sobre algum lugar ou alguma pessoa, ao entender que existem verdades que precisam ser contestadas e questionadas, expande-se a consciência sobre o outro e facilita-se o reconhecimento deste como semelhante. Hutcheon (1991), ao falar sobre a ideologia adotada pela metaficção historiográfica na criação de seus protagonistas, confirma a ideia da busca pela pluralidade levantada no discurso de Adichie e na organização de sua obra literária, pois afirma que

[a] metaficção historiográfica adota uma ideologia pós-moderna de pluralidade e reconhecimento da diferença; o "tipo" tem poucas funções, exceto como algo a ser atacado com ironia. Não existe nenhuma noção de universalidade cultural. Em sua reação à história, pública ou privada, o protagonista de um romance pós-moderno [...] é declaradamente específico, individual, condicionado cultural e familiarmente. (HUTCHEON, 1991, p.151)

¹⁵ Eu sempre achei que era impossível envolver-me adequadamente com um lugar ou uma pessoa sem envolver-me com todas as histórias de tal lugar ou de tal pessoa. A consequência de uma única história é essa: ela rouba das pessoas sua dignidade. Dificulta o reconhecimento mútuo de nossa humanidade. Enfatiza como somos diferentes ao invés de enfatizar como somos semelhantes. E se antes de minha viagem ao México eu tivesse acompanhado os debates sobre imigração de ambos os lados, dos Estados Unidos e do México? E se minha mãe tivesse nos contado que a família de Fide era pobre e trabalhadora? E se tivéssemos uma rede televisiva africana que transmitisse diversas histórias africanas para todo o mundo? O que o escritor nigeriano Chinua Achebe chama de "um equilíbrio de histórias."

Perto do final de sua fala, Adichie reforça a necessidade de buscar muitas histórias, reafirmando a importância desse engajamento plural para ampliar nosso senso de humanidade ou mesmo para reparar uma dignidade perdida. “Histórias importam. Muitas histórias importam. Histórias têm sido usadas para expropriar e para tornar maligno, mas histórias também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Histórias podem destruir a dignidade de um povo, mas elas também podem reparar essa dignidade perdida”¹⁶.

Diante dessa reflexão tecida sobre a relação entre a ideia crítica proporcionada pelo discurso de Adichie e a organização que ela cria em seu romance, retratando a história por várias vozes, destaca-se a voz de um personagem em particular, que desenvolve, no decorrer da narrativa, uma necessidade latente de se apropriar da história que vivencia e de contá-la pela sua perspectiva, usando, para isso, a escrita: a personagem Ugwu.

O Mundo Estava Calado Quando Nós Morremos: ou da necessidade de escrever para lembrar

Ugwu was writing as she spoke, and his writing, the earnestness of his interest, suddenly made her story important, made it serve a larger purpose that even she was not sure of, and so she told him all she remembered about the train full of people who had cried and shouted and urinated on themselves.¹⁷ (ADICHIE, 2006, p.312)

Jeanne Marie Gagnebin, escritora e filósofa suíça, no seu livro “Lembrar escrever esquecer”, publicado em 2006, reúne diversos ensaios que discorrem de maneira geral sobre a tarefa histórica da construção da memória por meio

¹⁶ Stories matter. Many stories matter. Stories have been used to dispossess and to malign, but stories can also be used to empower and to humanize. Stories can break the dignity of a people, but stories can also repair that broken dignity.

¹⁷ Ugwu estava escrevendo enquanto ela falava, e o fato de ele escrever, a seriedade de seu interesse, de repente fez sua história adquirir importância, a fez servir a um propósito maior, que nem mesmo ela sabia bem qual era — e então contou tudo o que se lembrava sobre o trem cheio de gente chorando, gritando e urinando. [tradução nossa]

da transmissão pela oralidade e da conservação pela escrita, bem como da necessidade do saber esquecer em prol do bem-estar do presente.

No capítulo “O que significa elaborar o passado?” especificamente, a autora comenta sobre o insucesso da criação de estratégias de conservação da lembrança que se baseiam apenas na ideia ritual do lembrar sempre, que se diferencia enormemente da luta contra o esquecimento. Servindo-se das reflexões filosóficas de Theodor W. Adorno sobre a necessidade de não se esquecer da violência histórica de Auschwitz, ela reforça a ideia de evitar uma sacralização da memória, visando, ao invés disso, um esclarecimento racional que separe a questão da culpabilidade da elaboração do passado, para, enfim, dar abertura às discussões do presente.

Não se trata de lembrar o passado, de torná-lo presente na memória para permanecer no registro da queixa, da acusação, da recriminação. [...] Justamente porque vai além dos papéis de juiz e de acusado, essa exigência iluminista visa separar, pelo menos conceitualmente, a questão da culpabilidade da questão da elaboração do passado. [...] Devemos lembrar o passado, sim; mas não lembrar por lembrar, numa espécie de culto ao passado. No texto de Adorno, que é judeu e sobrevivente, a exigência de não-esquecimento não é um apelo a comemorações solenes; é, muito mais, uma exigência de análise esclarecedora que deveria produzir — e isso é decisivo — instrumentos de análise para melhor esclarecer o presente. (GAGNEBIN, 2006, p. 102-103)

Esse posicionamento de busca pelo esclarecimento racional que produz instrumentos de análise para esclarecer o presente pode ser inferido na fala¹⁸ da escritora Chimamanda Ngozi Adichie sobre o seu romance *Half of a Yellow Sun* (2006) em um evento promovido pelo *New African Film Festival* em 2014, nos Estados Unidos. Após ser questionada sobre como se dá o processo de “cura” frente ao fato da Guerra de Biafra nos dias atuais na Nigéria, a autora

¹⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hYYjeh0odqg>

comenta que, desde que o romance foi publicado, muitas conversas sobre o assunto vieram à tona, em particular entre a nova geração nigeriana que tem apenas uma vaga ideia sobre o acontecimento. Ela menciona que há certa dissimulação diante do fato, que muitas pessoas fingem que ele não aconteceu. A autora afirma, no entanto, ter a esperança de que cada vez mais pessoas sejam capazes de falar sobre um fato tão importante para a história de seu país e que, a partir disso, seja gerado um reconhecimento coletivo que esclareça o que foi a Guerra de Biafra.

Diante da ideia de Adichie sobre a necessidade do reconhecimento coletivo da história e partindo das discussões de Gagnebin (2006) sobre a conservação da memória pela escrita como forma de elaboração do passado, desenvolve-se neste trabalho a análise da constituição da personagem Ugwu, do romance *Half of a Yellow Sun* (2006), pois é ele que assume o papel fundamental de articulador do passado e defensor do valor da memória pela elaboração da história por meio da escrita. Essa característica particular é resultado da completude em relação às experiências que vive durante a trama. É a partir desse conjunto de vivências que ele compõe, pela escrita, sua verdade histórica e a faz servir a um propósito maior.

No início do romance, Ugwu é apenas um garoto inocente com pouco conhecimento da língua inglesa e muito pouco estudo, que sai de seu vilarejo rural, trazido pela tia, para trabalhar na casa do professor universitário Odenigbo. No entanto, é no decorrer da trama que este personagem demonstra uma evolução intelectual exponencial que nenhum outro apresenta. As primeiras reações frente ao contato com uma realidade totalmente diferente daquela que, até então, vivia no povoado, representam o início de um processo de aprendizagem e apropriação dos aspectos próprios dessa realidade, que desenvolve nele o inalterável caráter de observador.

Ugwu não acreditava que houvesse alguém, nem mesmo esse patrão com quem iria viver, que comesse carne *todo dia*. Não contradisse a tia, porém,

porque estava emocionado demais com a perspectiva, ocupado demais imaginando sua nova vida fora do povoado. [...] Nunca tinha visto nada igual às ruas que surgiram depois que cruzaram os portões da universidade, ruas asfaltadas, tão lisas que a vontade dele era encostar o rosto nelas. Nunca seria capaz de descrever para a irmã Anulika as casas pintadas da cor do céu que ficavam uma ao lado da outra, feito homens educados e bem-vestidos, muito menos a perfeição com que as sebes entre uma e outra eram aparadas — tão retas no topo que mais pareciam mesas embrulhadas em folhas. (ADICHIE, 2008 [2006], p.11-12)

A personagem que contribui de maneira considerável nessa evolução inicial de Ugwu é Odenigbo, seu patrão. Ao matriculá-lo na escola e presenteá-lo com livros que expandissem seu conhecimento e instigassem sua imaginação, Odenigbo fornece a ele a oportunidade crucial do acesso à literatura e ao mundo intelectual, que permite a Ugwu se apropriar da leitura e da escrita e se tornar autor de sua própria história. Também é na casa do seu patrão que Ugwu tem a possibilidade de testemunhar e aprender com as discussões intelectuais ideológicas que Odenigbo tem com seus amigos professores sobre importantes aspectos sócio-político-culturais do momento histórico em que se encontram.

Ugwu não entendia a maioria das frases nos livros, mas fazia questão de fingir que estava lendo. Também não entendia direito as conversas do Patrão com seus amigos, mas assim mesmo escutava que o mundo tinha que fazer mais a respeito dos negros mortos em Sharpeville, que era bem-feito para os americanos os russos terem derrubado o avião espião mandado para lá, que De Gaulle estava enfiando os pés pelas mãos na Argélia, que as Nações Unidas nunca se livrariam de Tshombe, em Katanga. (ADICHIE, 2008 [2006], p.27-28)

Ugwu desenvolve seu pensamento crítico, passando de simples observador para observador analítico.

{O}s políticos não eram como as outras pessoas normais, eles eram políticos. Lia a respeito deles no *Renaissance* e no *Daily Times* — eles pagavam bandidos para surrar os oponentes, compravam terras e casas com dinheiro do governo, importavam frotas de longos carros americanos, pagavam as mulheres para recheiar as blusas com votos falsos e se fingir de grávidas. Sempre que escorria os restos de uma panela na pia, pensava na gordura da superfície como política (ADICHIE, 2008 [2006], p.152).

A influência ideológica, a curiosidade aguçada e a vontade de apreender contribuem para o posicionamento crítico e um desejo de contar a história por sua perspectiva. O conjunto de experiências traumatizantes pelas quais passa o protagonista, somado à apropriação da escrita, fazem emergir no personagem uma necessidade de imortalizar a história, dando vida ao livro chamado: *O Mundo estava calado quando nós morremos*. Ao escrever seu livro, o protagonista toma para si a tarefa história da construção da memória, tal como destacou Gagnebin (2006). O fazer lembrar da narrativa de Ugwu retoma o fazer lembrar de Adichie, ao construir o romance *Half of a Yellow Sun* (2006). Ambas as narrativas trazem outro olhar para a história, especialmente a história dos que perderam, para destacar não a derrota, mas a coragem de se rebelar. Nesta perspectiva, entender o passado em sua complexidade equivale a buscar ferramentas mais apropriadas para construir o presente e o futuro.

Referências

ALVES, I. A.; ALVES, T. A. *O perigo da história única: diálogos com Chimamanda Adichie*. 2012. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/alves-alves-o-perigo-da-historia-unica.pdf>>. Acesso em: 10 mai. 2016.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. African “Authenticity” and the Biafran Experience. *Transitions*, n° 99, p. 42-53, 2008.

_____. Hiding from our past. *The New Yorker*, New York, Maio de 2014. Disponível em: <<http://www.newyorker.com/culture/culture-desk/hiding-from-our-past>> Acesso em: 21 out. 2016.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.

HUTCHEON, Linda. “Metaficção historiográfica: ‘O Passatempo do tempo passado’” In: *Poética do Pós-Modernismo*. História, teoria e ficção. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

JACOMEL, M. C. W. Tecendo o avesso da história pela metaficção historiográfica. *Uniletras*, Ponta Grossa, v. 30, n. 2, p. 421-460, jul./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/uniletras/article/view/527/529>> Acesso em: 27 nov. 2016.

Recebido em out. 2019.
Aprovado em dezembro de 2019.